

Wunderkind

Ela entrou na sala de estar, a bolsa de couro com a sua música a bater nas pernas — usava meias de Inverno —, o outro braço carregado de livros escolares, e deteve-se por um instante a ouvir os sons que vinham do estúdio. Uma procissão suave de acordes de piano e o afinar de um violino. Então Mister Bilderbach chamou-a, com a sua voz forte e gutural:

— És tu, Bienchen?

Quando puxou bruscamente as luvas de lã grossa viu que os seus dedos ainda estremeciam ao ritmo da fuga que praticara naquela manhã. — Sim — respondeu. — É.

— Sou — corrigiu a voz. — Só um momento.

Podia ouvir Mister Lafkowitz a falar: as palavras prolongavam-se num murmúrio melífluo, ininteligível. Uma voz quase feminina, pensou, comparada com a de Mister Bilderbach. A inquietação impedia-a de se concentrar. Folheou desajeitadamente o seu livro de geometria e *Le Voyage de Monsieur Perrichon* antes de os pôr sobre a mesa. Sentou-se no sofá e começou a tirar as partituras da bolsa. Reparou de novo nas mãos — os tendões trémulos que se estendiam desde os nós dos dedos, a ponta do dedo magoada coberta com fita adesiva torcida e suja. A visão tornou mais agudo o medo que começara a atormentá-la nos últimos meses.

Silenciosamente, disse a si mesma algumas frases de encorajamento. Uma boa lição, uma boa lição, como antigamente... Os seus lábios cerraram-se quando ouviu o som calmo dos passos de Mister Bilderbach no soalho do estúdio e o ranger da porta ao abrir-se.

Por um momento, teve a estranha sensação de que passara os quinze anos da sua vida a olhar quase continuamente para o rosto e os ombros que surgiam no umbral, num silêncio perturbado apenas pelo

tocar inexpressivo e em surdina da corda de um violino. Mister Bilderbach. O seu professor, Mister Bilderbach. Os olhos vivos por trás dos óculos de aros de tartaruga; o cabelo claro e fino e o rosto estreito por baixo; os lábios cheios e pouco firmes, o inferior rosado e brilhante das mordidelas dos dentes; as veias bifurcadas nas têmporas latejando com suficiente nitidez para serem vistas do outro lado do quarto.

— Não chegaste um pouco cedo? — perguntou ele, deitando uma olhadela ao relógio na prateleira do fogão que há um mês marcava doze horas e cinco minutos. — O Josef está aqui. Estamos a ensaiar uma pequena sonatina escrita por alguém que ele conhece.

— Ótimo — disse ela, tentando sorrir. — Eu fico a ouvir. — Podia ver os seus dedos a afundarem-se impotentes numa mancha de teclas de piano. Sentia-se cansada... sentia que se ele a olhasse durante muito mais tempo as suas mãos começariam a tremer.

Ele deixou-se ficar, indeciso, a meio do quarto. Os seus dentes cravaram-se bruscamente no lábio brilhante e inchado. — Tens fome, Bienchen? — perguntou. — Há algum bolo de maçã, feito pela Anna, e leite.

— Eu espero até depois — disse ela. — Obrigada.

— Depois de acabares uma ótima lição, eh? — O sorriso dele parecia desfazer-se nos cantos.

Houve um som atrás dele, no estúdio, e Mister Lafkowitz puxou o outro batente da porta e parou ao seu lado.

— Frances? — disse com um sorriso. — E que tal vai o trabalho agora?

Sem qualquer intenção, Mister Lafkowitz fazia-a sempre sentir-se desajeitada e demasiado crescida. Ele mesmo era um homem tão baixo, com um ar fatigado, quando não estava a segurar o seu violino. As suas sobranceiras erguiam-se muito altas no rosto pálido de judeu como se fizessem uma pergunta, mas as pálpebras desciam lânguidas e indiferentes. Hoje parecia distraído. Ela viu-o entrar no quarto sem qualquer motivo aparente, segurando o arco com a ponta de madrepérola nos dedos imóveis, passando devagar as crinas brancas num pedaço gredoso de resina. Os seus olhos eram hoje fendas vivas e brilhantes e o lenço de linho que pendia do seu pescoço escurecia as sombras debaixo deles.

— Suponho que estás a trabalhar muito, agora — disse Mister Lafkowitz com um sorriso, embora ela ainda não tivesse respondido à sua pergunta.

Ela olhou para Mister Bilderbach. Ele voltara-lhe as costas. Os seus ombros pesados abriram a porta por completo; o sol do fim de tarde entrou pela janela do estúdio e a luz amarela espalhou-se na sala de estar coberta de pó. Atrás do seu professor, ela podia ver o piano longo e baixo, a janela, e o busto de Brahms.

— Não — disse a Mister Lafkowitz. — Estou a sair-me muito mal. — Os seus dedos magros deram um piparote nas partituras. — Não sei o que se passa — disse, olhando para as costas musculosas e um pouco curvadas de Mister Bilderbach, que parara, tenso, a escutar.

Mister Lafkowitz sorriu. — Suponho que há alturas em que uma pessoa...

Um acorde áspero veio do piano. — Não achas que era melhor continuarmos com isto? — perguntou Mister Bilderbach.

— Imediatamente — disse Mister Lafkowitz, dando mais uma esfregadela ao arco, antes de se dirigir para a porta. Ela viu-o levantar o violino de cima do piano. Os seus olhares cruzaram-se e ele baixou o instrumento. — Viste a fotografia do Heime?

Os dedos dela curvaram-se rigidamente sobre a borda áspera da bolsa. — Que fotografia?

— Uma do Heime no *Musical Courier* aí sobre a mesa. Debaixo da capa exterior.

A sonatina começou. Discordante e no entanto simples. Vazia mas com um estilo cortante muito próprio. Ela pegou na revista e abriu-a.

Ali estava Heime — no canto esquerdo. A segurar o seu violino com os dedos curvados sobre as cordas para um *pizzicato*. Com os calções escuros de sarja presos cuidadosamente abaixo dos joelhos, uma camisola e colarinho enrolado. Era uma fotografia má. Tinha sido tirada de perfil, mas os olhos do rapaz estavam voltados para o fotógrafo e o dedo dava a impressão de ir tocar a corda errada. Parecia fazer um esforço para não se voltar na direcção da câmara fotográfica. Estava mais magro, o seu ventre já não fazia uma protuberância, mas não mudara muito em seis meses.

Heime Israelsky, jovem e talentoso violinista, fotografado enquanto praticava no estúdio do seu professor em Riverside Drive. O jovem Master Israelsky, que vai celebrar em breve o seu décimo quinto aniversário, foi convidado a tocar o Concerto de Beethoven com...

Naquela manhã, depois de praticar entre as seis e as oito, o pai fizera-a sentar-se à mesa com a família para tomar o pequeno-almoço. Ela detestava o pequeno-almoço; dava-lhe uma sensação de enjoo

depois. Preferia esperar e comprar quatro tabletes de chocolate com os vinte cêntimos do almoço e mastigá-las durante as aulas — tirando pedacinhos do bolso, disfarçados com o lenço, parando bruscamente quando o papel de prata estalava. Mas esta manhã o papá pusera um ovo estrelado no seu prato e ela compreendeu que, se rebentasse, se o amarelo viscoso corresse lentamente sobre o branco, começaria a chorar. E isso acontecera de facto. Tinha a mesma sensação agora. Voltou a pôr a revista cuidadosamente na mesa e fechou os olhos.

Teve a impressão de que a música no estúdio perseguia de forma desajeitada e violenta algo impossível de alcançar. Ao fim de uns minutos, os seus pensamentos afastaram-se de Heime e do concerto e da fotografia — e pairaram de novo sobre a lição. Deslizou no sofá até poder ver bem o estúdio, os dois a tocarem, consultando as anotações em cima do piano, extraindo sensualmente tudo o que lá estava.

Não podia afastar a recordação do rosto de Mister Bilderbach quando a fixara momentos antes. As suas mãos, que ainda se moviam inconscientemente ao ritmo da fuga, fecharam-se em volta dos joelhos ossudos. Estava cansada. E com a sensação de se afundar, em círculos, como tinha muitas vezes à noite, mesmo antes de adormecer, quando praticara de mais. Como naqueles meios-sonhos cansados que a levavam, com um zumbido, para o seu próprio espaço de redemoinho.

Uma *Wunderkind* — uma *Wunderkind* — uma *Wunderkind*. As sílabas chegavam rolando de uma forma profundamente alemã, rugiam nos seus ouvidos e depois baixavam para um murmúrio. Juntamente com os rostos que formavam um círculo, inchados e distorcidos, diminuindo até se tornarem pálidos borrões — Mister Bilderbach, Mrs. Bilderbach, Heime, Mister Lafkowitz. Rodando e rodando num círculo ao som do gutural *Wunderkind*. Mister Bilderbach elevando-se enorme no centro do círculo, o rosto ansioso... com os outros à volta.

Frases de música oscilando loucamente. Notas que estivera a praticar caindo umas sobre as outras como uma mão cheia de berlindes que alguém atirara pelas escadas abaixo. Bach, Debussy, Prokofiev, Brahms... o ritmo despertava um eco grotesco no seu corpo exausto e no círculo que zumbia.

Algumas vezes, quando não trabalhara mais do que três horas, ou faltara às aulas, os sonhos não eram tão confusos. A música pairava com clareza na sua mente, pequenas memórias precisas voltavam, nítidas como a ingénua gravura da *Idade da Inocência* que Heime lhe oferecera no fim do seu concerto juntos.

Uma *Wunderkind*, uma *Wunderkind*. Era o que Mister Bilderbach lhe chamara quando, aos doze anos, ela viera ter com ele. Alguns alunos mais velhos tinham repetido a palavra.

Não que ele alguma vez lhe tivesse dito a palavra. «Bienchen...» (Ela tinha um simples nome americano, mas ele nunca o usava, a não ser quando ela cometia grandes erros.) «Bienchen», dizia, «sei que deve ser terrível. Andar o tempo todo com uma cabeça tão cheia. Pobre Bienchen...»

O pai de Mister Bilderbach tinha sido um violinista holandês. A sua mãe era de Praga. Ele nascera na Holanda e passara a juventude na Alemanha. Ela desejara tantas vezes não ter nascido e crescido apenas em Cincinnati. Como se diz *queijo* em alemão? Mister Bilderbach, como se diz em holandês *Eu não o compreendo?*

O primeiro dia em que ela viera ao estúdio. Depois de ter tocado toda a *Segunda Rapsódia Húngara* de memória. O quarto a ficar cinzento com o crepúsculo. O rosto dele quando se inclinou sobre o piano.

— Agora começamos outra vez — disse naquele primeiro dia. — Isto, tocar música, é mais do que habilidade. Se os dedos de uma menina de doze anos tocam tantas teclas por segundo... isso não quer dizer nada.

Ele bateu no peito largo e na testa com a mão forte. — Aqui e aqui. Tens idade suficiente para compreender isso. — Acendeu um cigarro e soprou gentilmente o fumo sobre a cabeça dela. — E trabalho... trabalho... trabalho... Vamos começar agora com estas *Invenções* de Bach e estas pequenas peças de Schumann. — As suas mãos moveram-se de novo, desta vez para acenderem a lâmpada atrás dela e apontarem para a música. — Vou mostrar-te como quero que pratiques isto. Agora ouve com atenção.

Ela estivera ao piano durante quase três horas e ficara muito cansada. Tinha a impressão de que a voz profunda do professor já vagueava dentro dela há muito tempo. Apetecia-lhe estender o braço e tocar o dedo musculoso e flexível que lhe indicava as frases, queria sentir a aliança de ouro reluzente e as costas peludas da mão forte.

Tinha lições à terça-feira depois das aulas e no sábado à tarde. Muitas vezes, depois de a lição de sábado chegar ao fim, ficava para jantar e passava lá a noite e apanhava o eléctrico em direcção a casa na manhã seguinte. Mrs. Bilderbach gostava dela, no seu modo plácido, quase silencioso. Era muito diferente do marido. Silenciosa e gorda e lenta. Quando não estava na cozinha, a preparar os pratos suculentos